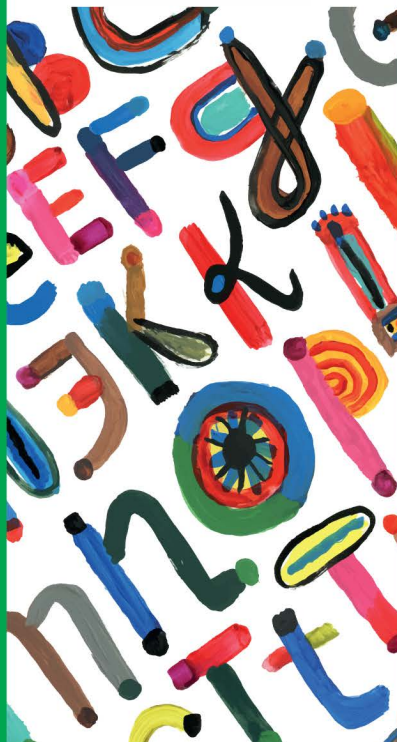


I BE RO GRA FI AS

REVISTA
DE ESTUDOS
IBÉRICOS

N. 16
2020



I BE RO GRA FI AS

REVISTA
DE ESTUDOS
IBÉRICOS

N. 16
2020



FI CHATÉ C NI CA

Coordenação deste número

Rui Jacinto
Alexandra Isidro

Apoio à Coordenação
Ana Margarida Proença

Capa e conceção gráfica
Márcia Pires

Impressão
Marques & Pereira, Lda

Edição
Centro de Estudos Ibéricos
Rua Soeiro Viegas, 8
6300-758 Guarda
cei@cei.pt
www.cei.pt

ISSN: 1646-2858

Depósito Legal:

dezembro 2020

Os conteúdos, forma e opiniões expressos nos textos
são da exclusiva responsabilidade dos autores.

A ARTE DO PENSAMENTO DE EDUARDO LOURENÇO: A SAUDADE E A TRANSFORMAÇÃO DO MUNDO

ROBERTO VECCHI*

Ler Eduardo Lourenço é sempre uma experiência bastante gratificante: convergem nele uma altíssima qualidade de observação, de análise, de pensamento e, não última, de escrita. Muito disto não cabe nas óticas condicionadas da investigação académica, ou das lógicas disciplinares (Filosofia? História da cultura? Crítica literária? História?) onde o palimpsesto disciplinar age sempre como um rígido dispositivo de controlo normativo. Quem olhar para a obra do Professor através dessas lentes rígidas, terá sempre uma impressão de lacuna ou incompletude. Mas imenso será o pensamento que perderá em consequência de uma apreensão redutora.

Pelo contrário, o que aqui se procura observar é que o inacabado aparente é a qualidade de reflexão e exposição de um homem de inteligência e liberdade extremas. Duas qualidades, a inteligência e a liberdade, raras, em diferentes meios. Aquela de Eduardo Lourenço é, com expressão sintética, uma arte do pensamento. Uma característica que marca a sua unicidade, o timbre de uma voz tímida e penetrante, que demora a aquecer os conteúdos melhores, de que a cultura portuguesa – aquela que reconhece o valor em si e não pela trama de relações e meios que implica- será longamente devedora.

Aquela de Eduardo Lourenço é uma arte múltipla, se quisermos encontrar uma definição imediata de um magistério que dura há quase 70 anos. É uma qualidade do pensamento que se caracteriza pela sua heterodoxia. É um pensamento independente e agudo que espaça por campos, disciplinas, temas, âmbitos, com uma liberdade infinita, com uma autonomia não delimitada por muros canónicos ou novos, de disciplinas e especializações. Reflete uma qualidade extraordinária, uma curiosidade infinita pelo mundo e pelo humano. No entanto, esta qualidade não bastaria se não se assujeitasse a uma forma. A forma que o Professor escolheu é aquela da escrita e da palavra, uma escrita que mimética e agilmente

* Università di Bologna/Cátedra Eduardo Lourenço.

"Este artigo resulta do trabalho desenvolvido pelo projeto *MEMOIRS – Filhos de Império e Pós-memórias Europeias*, financiado pelo Conselho Europeu para a Investigação (ERC) no quadro do Horizonte 2020, programa para a investigação e inovação da União Europeia (contrato nº 648624)"

acompanha os movimentos do seu pensamento. É uma escrita redonda e elegante, clara e “imaginífica”, para usar um adjetivo criado por um grecista italiano, Anton Maria Salvini no século XVII e que Gabriele D’Annunzio usa na sua prosa (e tornar-se-á o epíteto que define a sua arte).

Existe uma bibliografia considerável sobre a forma do ensaio – esta escrita particular e de timbre único – central na obra do Professor. Género próprio de uma modernidade onde o inacabado é a saída sobrevivente obrigada do labirinto do conhecimento, o ensaio é aquela forma cuja ontologia assistemática João Barrento expressa sinteticamente com um formidável adjetivo: intranquila (2010).

Lourenço aprimora-o, a partir de uma tradição de antecessores como Joaquim de Carvalho ou, particularmente, Sílvio Lima, adaptando-o plenamente à sua vocalidade, Um ensaio que se torna, como foi bem evidenciado por uma ampla constelação de críticos (José Gil, Miguel Real, Maria Manuel Baptista, Guilherme de Oliveira Martins, João Barrento, João Tiago Pedroso Lima, entre os outros), não só um instrumento analítico de extraordinária força de penetração, mas o correlativo representacional de uma crise que de outro modo não encontraria possibilidade de emersão. O ensaio nas mãos criativas de Eduardo Lourenço torna-se uma obra de arte. É a combinação destes elementos – pensamento, escrita, ensaio – que constitui a arte do pensamento desta figura intelectual rara na paisagem cultural da Europa.

O exercício de apreciação da arte do pensamento não é complicado. De fato, é suficiente escolher um tema de ampla magnitude, que toca as margens do universal e ver como Eduardo Lourenço se aproxima, desmonta e explica tópicos de uma complexidade extrema. Uma penetrante humildade, dir-se-ia, associada a uma infinita qualidade de leitura e de escuta.

Os exemplos seriam múltiplos – e atravessariam um amplo espetro de artes e saberes- mas aqui limitar-me-ei a uma pequena amostra que evidencie este inesgotável potencial. É em torno de uma palavra-chave do léxico de Portugal, que é também uma trave-mestra na arquitetura elegante e complexa do pensamento de Eduardo Lourenço. Trata-se da palavra saudade.

Recentemente, Paulo Borges, num oportuno remapeamento crítico, não só reconstruiu as margens e as tangências desta palavra tão densamente significativa, que resume por si só uma ampla gama de conotações positivas e negativas, de ideologias, exaltações e críticas, mas mostra também a sua vitalidade inexaurível, uma vibrante atualidade, ainda por valorizar (BORGES 2019, 270).

A palavra saudade é um campo dialético, aquele constituído por todos os apêndices que criou ao longo dos séculos mas com particular intensidade no século XX quando se coagula particularmente por volta de ideologias e filosofias especializadas: um campo sintomático e longamente evocado por Eduardo Lourenço, tanto que lhe consagrou de modo sugestivo o título do seu livro certamente mais lido e popular, *O labirinto da saudade*.

Sobre este volume de ensaios dorsal circulam inclusive lendas, como a sua proximidade imagética com o livro do Nobel mexicano Octávio Paz, *El laberinto de la soledad*, que teria proporcionado ao crítico português uma imagem sintética e fundadora do seu conjunto de ensaios, já na fase de revisão das provas do volume, sobre o mosaico de Portugal. Pormenor anedótico, mas que mostra um outro aspeto conotador do pensamento de Lourenço, a sua solidariedade entre imagem e palavra.

No breve percurso que aqui se propõe, ilustra-se um aspeto da arte do pensamento de Eduardo Lourenço. Em particular, como dentro de dois cenários críticos de dimensões ilimitadas, uma sabedoria atenta e pensativa permite ao crítico contornar problemas hermenêuticos de vastas dimensões, destilar uma reflexão atenta, pontual, penetrante sobre tópicos que uma abordagem tradística ou por assim dizer “só académica” talvez não conseguisse contornar de modo mais brilhante e eficaz.

Escrevo estas considerações enquanto estou a desenvolver um estudo sobre a nostalgia colonial referida a África na cultura e na imaginação portuguesa contemporânea. A bibliografia sobre o tópico da “colonial nostalgia” (como é definida em inglês) conta com uma bibliografia ilimitada. Aliás, a nostalgia tem-se vindo a tornar uma mercadoria relevante no contexto de troca e consumo contemporâneos, de acordo com críticos quais Fredric Jameson e Arjun Appadurai, como um traço do capitalismo tardio (1991, 1996).

Eduardo Lourenço captara precocemente uma característica referida ao colonialismo de Portugal em África: o seu caráter “inocente” (LOURENÇO 2014, 123). O uso de um passado sem culpa é certamente um traço de articulação de reconstruções condicionadas pela nostalgia colonial (cfr. ROSALDO 1989, 107). Mas não é só esta sensibilidade que qualifica a precocidade e acuidade de percepção do crítico. Há um largo trabalho de configuração do modo em que Portugal entraria neste quadro de revisões do passado. Refiro-me aqui à articulada e sutil reflexão sobre a saudade no quadrante da cultura portuguesa, resgatada sempre com um fôlego que vai além dos perímetros nacionais e projetando as questões num plano pelo menos continental.

As reflexões integram-se num volume publicado em francês em 1997, *Mythologie de la saudade. Essais sur la mélancolie portugaise* com tradução de Annie de Faria, companheira de uma vida do Professor (BENTO 2008, 31). A seleção dos ensaios que tinham constituído o volume francês é reveladora por alguns motivos. Antes de tudo porque é um movimento que de fora de Portugal (um leitor estrangeiro que reflete sobre assuntos tão próprios do *ethos* português) vai para o âmago do País, acrescentando portanto uma oxigenação europeia que se percebe na própria construção dos ensaios. Em segundo lugar, porque a integração destes ensaios num volume maior, na verdade um livro no livro, *Portugal como destino seguido de Mitologia da Saudade* (de 1999) acrescenta alguns elementos de conhecimento suplementares.

O ensaio que se acrescenta, “Portugal como destino”, de fato não é um texto qualquer. Propõe-se discreta mas evidentemente atualizar o conteúdo de “Psicanálise mítica do destino português” que é o texto dorsal do *Labirinto da saudade*, vinte anos depois. É um capítulo que apresenta um contraponto entre a história cultural de Portugal e o presente da Expo, depois de mais de uma década europeia, com um movimento, uma inteligência, um tom e uma abertura crítica bem afinados com o ensaio de 1978.

Sempre dentro de uma lógica indiciária, indispensável para pensarmos na relação entre o todo e as partes que constituem, na perspectiva de Lourenço, o livro, o que se evidencia é uma relação íntima entre a reconstrução culturalista e conceitual sobre a contemporaneidade portuguesa e o itinerário monográfico dedicado à saudade, como duplo movimento analítico, de sístole e diástole, com um objetivo de reconceptualização de um campo histórica e ideologicamente minado.

É aqui que se expõe um dispositivo intrínseco da arte do pensamento de Eduardo Lourenço. Assume de fato o desafio do confronto de um sentimento polimórfico e de um conceito sempre submetido a tensões históricas “domésticas”, a saudade, não como acontece dentro de um repertório amplo de abordagens nacionais também canonizadas, mas abrindo-a para um diálogo com o universal, acentuando portanto a potência teórica do conceito.

Constrói a sua reflexão constituindo uma constelação onde a saudade se justapõe a outros sentimentos-conceitos relacionados com a experiência da perda, a melancolia e a nostalgia. É uma virada decisiva e corajosa a inscrição da saudade num campo vastíssimo de implicações, relações, contrastes teóricos e culturais. Mas a escrita pensante de Eduardo Lourenço assume desafios de formidável magnitude com uma simplicidade, uma coragem e uma lucidez surpreendentes.

A *Mitologia da saudade* organiza-se, numa sólida estrutura lógica, em duas partes de um todo orgânico. A primeira introduzida por um estudo sobre o “Tempo português (que, a testemunho da permanência de interesse pelo tema, sai também como outro texto com o mesmo título em *A nau de Ícaro* sempre em 1999) seguido por mais dois ensaios onde a saudade é abordada não por uma vertente essencialista, mas pela sua porosidade com a categoria – criticamente monumental- da melancolia e, com menor evidência, mas não menor importância, da nostalgia. Na segunda parte, articula-se uma resenha de estudos dedicadas a casos e leituras que espaçam da *Crónica do Imperador Clarimundo* de João de Barros e da mitologia sebastianista, passando por Camões e chegando com dois textos finais dedicados a Pessoa.

O que acrescenta indícios para entendermos a arte do pensamento de Eduardo Lourenço são os modos com que dispõe no plano argumentativo a *pars construens* teórica do livro. Um primeiro gesto que já descoloniza, dir-se-ia com uma expressão corrente, a saudade “portuguesa” é a sua projeção como um “quase universal” – situado e em contato com outras categorias que

vão além de delimitações: melancolia e nostalgia. Sobre o caráter deste tempo, define-o como um “tempo humano”, lembrando Georges Poulet, o que o distingue dum tempo abstratamente universal.

Construído pela configuração de um “tempo português” este horizonte analítico, a arte especulativa de Eduardo Lourenço já está na plena posse de uma ferramenta crítica que lhe permite desenvolver um minucioso exercício de exegese comparativa, às vezes implícita mas que subentende os imensos rios das tradições implicadas por melancolia e nostalgia. São duas tradições que se entrecruzam, uma antiga e a outra moderna, ambas no entanto inscritas em densos mapas de conhecimento.

No caso da melancolia de fato as raízes são milenárias. A palavra é um composto grego, *melaina chole*, “bilis negra”) que remete para os inícios da medicina clássica, quando os humores e as cores que lhe eram associados designavam os caracteres humanos cuja alteração determinava um desequilíbrio prolongado. No caso da bilis negra, desconforto, medo e tristeza. Sempre no classicismo, o estado melancólico, pelo seu afastamento do mundo, constitui-se como condição especial da memória e da recordação, caóticas e já protegidas pelo planeta Saturno (KLIBANSKY et al. 2019, 35).

O interesse pela melancolia afirma-se em época moderna, associado à afirmação da ideia da caducidade do tempo e à memória. A gravura de Albrecht Dürer de 1514, *Melancholia I*, compõe-se do anjo melancólico, sentado no meio de objetos simbólicos que, no seu olhar lúgubre, mostra a condição indolente e pensativa da acédia. Esta tinha sido indicada já desde a etimologia sempre grega de acédia (“sem cura”) como a prostração e a tristeza de quem pratica a vida espiritual, que será considerado, pela teologia medieval, um dos vícios capitais.

Será Walter Benjamin que encontrará, na análise minuciosa da imagem de Dürer, um traço ontológico da modernidade. A conexão com o mundo dos mortos, cuja dimensão comemorativa possui um forte significado tanto no plano cultural como no plano antropológico, implica uma proximidade da melancolia de um outro campo fundamental, aquele do luto. Aqui estrutura-se a combinação interpretativa que Sigmund Freud funda através de um famoso ensaio “Luto e melancolia” na *Metapsicologia* (1915). Luto e melancolia são estados que têm como causa comum a perda de um objeto ou de um ente amado mas agem de maneira significativamente diferenciada. O luto profundo provoca a perda de interesse pelo mundo externo enquanto a memória evocar a perda. Assim o trabalho do luto faz com que o sujeito, uma vez deslocadas as resistentes posições libidinais, volte por inteiro ao estado anterior da perda. A melancolia diverge do luto porque reage também a uma perda, mas esta pode não ser definitiva. Talvez o melancólico sinta que a perda ocorreu mas não sabe avaliar o que exatamente se perdeu. E o que se esvazia é o “eu”, não o mundo. A atitude melancólica caracteriza-se assim pela urgência de comunicar e expor o próprio “eu”, “como uma ferida aberta” (FREUD 1976,

112). O que afeta também o exercício da memória associado à melancolia que se torna de certo modo intensificado, labiríntico, conflituoso.

De outra tradição – desta vez moderna, embora com um efeito retroativo – surge a nostalgia. Nostalgia é um neologismo que surge em 1688 quando o doutorando médico Johannes Hofer defende em Basileia a *Dissertatio medica de nostalgia*. O novo termo constitui-se a partir de um binómio grego que conjuga *nóstos* (retorno) e *álgos* (dor). Foi a “criação de uma doença” que aproveita, como nota Jean Starobinski, a noção clássica de *imaginatio laesa* (Starobinski, 1966: 87). Absorve assim um conjunto de outros sentimentos presentes desde sempre, porque conaturais à universalidade humana. São o *desiderium patriae* latino ou o *mail du pays* francês, o *heimweh* alemão, ou, justamente, a saudade, de que nostalgia é de certo modo um calco linguístico parcial.

O segundo tempo fundamentador essencial da nostalgia, ocorre pela contribuição de Immanuel Kant (*Antropologia do ponto de vista pragmático*, 1798) que desloca, amplia, e sobretudo situa melhor o seu significado. Se desde Hoffer a nostalgia se refere à perda de um espaço originário, onde o regresso para o lugar perdido representa a possível terapia, Kant percebe que a nostalgia, pelo contrário, remete não só para um lugar perdido mas também para o tempo igualmente perdido. A perda seria, portanto, irreversível, porque os que se afastaram, anota Kant, “não encontram mais a sua juventude” (PRETE 1992, 66).

Nesta direção, é importante assinalar um ensaio que se percebe muito bem presente nos textos de Eduardo Lourenço. Trata-se de *L'irreversible et la nostalgie* de Vladimir Jankélévitch (1974) que decorre de uma análise atenta da irreversibilidade temporal não como característica do tempo mas como a própria temporalidade dele. Para descrevê-la, o filósofo resgata o mito ocidental por antonomásia de Ulisses, que é fundamental para destrinçar os paradoxos nostálgicos. Em sua forma mais elementar, a nostalgia fechada resolver-se-ia muito simplesmente pelo retorno. No entanto, o retorno de Ulisses, o herói absoluto do retorno parece afundar na própria conjugação infinitiva do verbo retornar. Jankélévitch recorre ao retorno para Ítaca para ilustrar como a efetivação do retorno é a cristalização da consciência da sua impossibilidade. A deceção de Ulisses é provocada pela impossibilidade de retornar: o que era esperado – o lugar que pela partida tinha sido deixado – nunca retornará, mesmo tendo voltado para o mesmo lugar, porque este já deixara de existir. Ítaca será para sempre perdida. Uma perda que alimenta o encanto e a beleza trágica da nostalgia.

É dentro deste quadro conceitual que atua Eduardo Lourenço. Não com um desagradável exercício de referências académicas para as fontes: percebe-se um conhecimento muito atento e profundo das duas grandes tradições, do complexo melancólico-nostálgico. E é em torno deste palimpsesto que Lourenço dá forma a um movimento esteticamente brilhante de pensamento ao assumir o desafio de

pôr em diálogo as duas tradições com a tradição, ao mesmo tempo própria e imprópria, da saudade.

Com uma imagem sintética poder-se-ia dizer que a complexidade de contornar a saudade é a complexidade de contornar Portugal. A saudade tem se tornado uma "palavra-País" o que explica a pluralidade de camadas geológicas, discursivas e críticas, que se formaram. Eduardo Lourenço secunda, numa perspectiva mais racionalista, no quadro muito movediço como aquele do debate novecentista sobre a saudade, as teses analíticas, em particular na abordagem fenomenológica do seu mestre dos anos de Coimbra, Joaquim de Carvalho, a que acrescenta as próprias teses histórico-críticas, na exegese justamente de uma "mitologia da saudade".

O seu importante movimento interpretativo, como vimos, define a morfologia de um "tempo português". O seu emaranhado de tempos imbricados é o diagrama de uma temporalidade própria, de tempo vivido, mas que encontra, na forma de vida, a sua força universalizante. Sempre instável, o tempo da saudade assume um aspeto de circularidade. A qualidade da mediação com o passado é de certo modo um traço identificador da saudade, mesmo num quadro que continua em movimento.

Lourenço avança na elaboração das ideias sobre a saudade na moldura natural do ensaio, que irá desaguar no livro-não livro, *Portugal como destino seguido de Mitologia da saudade*, não por acaso, como se disse, corolário atualizador do *Labirinto da saudade*.

Em ensaios escritos em circunstâncias diferentes, Lourenço caracteriza-se por assumir, num desafio titânico, a complexidade da constelação dos sentimentos/conceitos de elaboração das perdas de maneira dialógica, evidenciando contrastes mas também as tangências. Percebe-se bem a proximidade da análise de Joaquim de Carvalho quando, na própria delimitação do "tempo português" Lourenço reconhece à saudade, à nostalgia e à melancolia uma proximidade entre si, o que faz com que a própria saudade, reivindicada como singularidade ontologizadora portuguesa, na verdade não passe de "sentimentos ou vivências universais" (LOURENÇO 1999, 91).

O elemento de diferenciação decorre da qualidade do tempo e do exercício divergente da memória que remete para um passado que também pode ser uma tautologia do mesmo. Traduções diversas de imagens do tempo passado, portanto. O que constrói uma posição própria, na definição de um "tempo português", seria que as representações do passado ocorreriam a partir da identidade mítica, de um lugar onde os Portugueses se veem contraditoriamente maiores e mais pequenos do que efetivamente são. Ainda mais, são os "regressos específicos" que as três categorias implicam que seria matriz de diferença. Poucos abordaram com tanta lucidez comparativa os conceitos que constituem a constelação:

Os "regressos" específicos da melancolia, da nostalgia, da saudade são de outra ordem: conferem um sentido ao passado que através delas convocamos. Inventam-no como uma ficção. A melancolia visa o passado como definitivamente passado e, a esse título, é a primeira e mais aguda expressão da temporalidade, aquela que a lírica universal jamais se cansará de evocar. A nostalgia fixa-se num passado determinado, num lugar, num momento, num objecto de desejo fora do nosso alcance, mas ainda real ou imaginariamente recuperável. A saudade participa de uma e da outra, mas de uma maneira tão paradoxal, tão estranha – como é estranha e paradoxal a relação dos Portugueses com o "seu" tempo – que com razão, se tornou um labirinto e um enigma para aqueles que a experimentaram, como o mais misterioso e o mais precioso dos sentimentos (LOURENÇO 1999, 92)

Povo “não trágico” mas “sonhador” o culto da saudade cria um acesso possível ao passado, por definição inapreensível: “não recuperamos apenas o passado como paraíso: inventamo-lo” (*Ivi*: 93). A literatura torna disponível o arquivo onde reconstruir as subtilezas que permitem apreciar afinidades e descontinuidades perante as constelações de “afeções” ligadas ao passado. É o que ocorre no ensaio “Melancolia e saudade” onde antes de tudo se evidencia a afinidade estreita entre melancolia (que decorre de uma antiga história, por assim dizer, clássica) e nostalgia, portadora de uma visão moderna (*Ivi*: 98). Também o papel decisivo da construção de uma vertente situada decorre do papel reflexivo de um “rei melancólico” como Dom Duarte que no *Leal Conselheiro* elabora, a partir da tradição da acédia, a doença sagrada dos antigos, uma meditação fundadora no plano crítico sobre a afeção da própria alma. Lourenço precisa os contornos a saudade (“Da saudade como melancolia feliz”). Aqui também emerge com perspicuidade a linha distintiva entre saudade e nostalgia, a partir de uma explicação aparentemente paradoxal: a hipertrofia do sentimento da saudade foi o que impediu aos portugueses defini-la, o que a torna uma “estranha melancolia sem tragédia” (*Ivi*: 113). A saudade é uma forma de memória também ou, para ser mais exatos, ao definir uma tipologia memorial própria, é “uma outra maneira de ser presente no passado” (*Ivi*: 114).

A consciência saudosa para Lourenço é “palco de um jogo” (*Ivi*: 115) onde, ao lado da memória, atua uma outra faculdade com dignidade análoga, a fantasia. Se a nostalgia, no sentido com que a define Jankélévitch pelo mito do retorno para Ítaca, surge de uma impossibilidade de regresso a um passado que é temporalmente outro mesmo na identidade de lugar, portanto produtor inexaurível de impossibilidades ainda que ilusórias, a saudade alimenta daqui a sua condição de melancolia feliz, a possibilidade fantasiosa de um regresso possível: é ela “que subtrai a nostalgia ao sentimento da pura perda ou ausência, confiando-lhe a missão de transmutar a perda em vitória de sonho” (*Ivi*: 116). Afirma-se também o traço contagioso da saudade que afeta outras experiências de impossibilidades e perdas, como no

caso da nostalgia: a desfiguração do lugar pelo tempo cria assim uma “nostalgia saudosa”, consciência de uma temporalidade “carnal” associada, no entanto a um sentimento vago da sua irrealidade (*Ibidem*). E aforisticamente Lourenço encerra a análise observando, com elegância refinada, que “quando nada resta de nada, fica ainda o tudo desse nada” (*Ivi*: 117).

Através deste percurso, Eduardo Lourenço consegue não só inscrever o sentimento da saudade num espaço maior, da elaboração humana das perdas do passado. Descoloniza o espesso depósito de ideologias e leituras que se depositaram sobre a saudade, mostra o valor funcional desta dentro do espaço cultural e social de Portugal, como uma poderosa ferramenta interpretativa sobre os re-usos do passado.

A leveza e a beleza da escrita com que realiza, de modo simples e direto, o imenso trabalho de reconfiguração crítica de enormes tradições – aquelas que constituíram as bases do pensamento ocidental, como melancolia e nostalgia, com o recorte da saudade a formar um conjunto explicativo, eficaz e forte – é o que permite invocar a existência de uma verdadeira arte de pensar. Eduardo Lourenço – neste caso particular que poder-se-ia multiplicar por inúmeros outros tal é a vastidão dos mundos que ele contornou, pensou e nos ofereceu – mostra como o ato de pensar é também um ato de beleza. Que, impercetível e inexoravelmente, incide e transforma o mundo.

REFERÊNCIAS

- APPADURAI, Arjun (1996). *Modernity at large. Cultural dimensions of globalization*. Minneapolis, London: University of Minnesota press.
- BARRENTO, João (2010). *O género intranquilo. Anatomia do ensaio e do fragmento*. Lisboa: Assírio & Alvim.
- BENTO, Virgílio, coord. (2008). *Leituras de Eduardo Lourenço. Um labirinto de saudades, um legado com futuro*. Guarda: Centro de Estudos Ibéricos.
- BORGES, Paulo (2019). *Presença ausente. A saudade na cultura e no pensamento portugueses*. Lisboa Âncora.
- FREUD, Sigmund (1976). “Lutto e malinconia”. In: *Metapsicologia* (1915). Opere. Vol. VIII. Torino: Boringhieri, 102-118.
- JAMESON, Fredric (1991). *Postmodernism, or, the cultural logic of late capitalism*. Durham: Duke University Press.
- JANKÉLÉVITCH, Vladimir (2010). *L'irreversible et la nostalgie*. Paris: Flammarion
- KLIBANSKY, Raymond; PANOFKY, Erwin; SAXL, Fritz (2019). *Saturn and Melancholy: Studies in the History of Natural Philosophy, Religion, and Art*. Montreal: McGill-Queen's University Press

LOURENÇO, Eduardo (1999). *Portugal como destino seguido da mitologia da saudade*. Lisboa: Gradiva.

LOURENÇO, Eduardo (2014). *Do colonialismo como nosso impensado*. Lisboa: Gradiva.

PRETE, Antonio (1992). *Nostalgia. Storia di un sentimento*. Milano: R. Cortina.

ROSALDO, Renato (1989): “Imperialist nostalgia”. In: *Representations* 26, 1989, pp. 107-122.

STAROBINSKI, Jean (1966). “The Idea of Nostalgia”, In: *Diogenes*, 54, 14, 81-103.